

Antiqvitvs

(Continuação d-O Arch. Port., xxii, 97)

XV

Um pórtico medievico próximo do Campo Grande

Imaginava eu que estes apontamentos, cujo título só por si mantêm ao largo algumas centenas de leitores, mais solícitos do presente do que curiosos do passado, interessavam ainda assim quasi exclusivamente aos leitores do sexo masculino. Redondo engano! É que há muito devia ter-me acudido á mente que, sendo todas as sciências do género feminino, a arqueologia não podia constituir desairosa excepção para esse cortejo de personificações mitológicas, a cujo trono presidiria Clio, aquela das nove irmãs que, do alto Olimpo, são as deidades protectoras e inspiradoras do canto e da poesia, o que me importa menos agora, mas em geral de todas as criações do espirito humano, entre as quais a História antiga avulta. Por isso não seria para estranhar que o «Antiqvitvs» tivesse leitoras como tem e tam intellectualmente interessadas, que até não hesitam em denunciar antiguidades a um dos que proclamam o seu culto neste benemerente «Diario de Noticias».

*

Confesso que não conhecia, e muito menos esperava encontrar, a dois passos de Lisboa, uma autêntica ruina de architectura medieval. E contudo ela existe e daqui recomendo a sua conservação ao respectivo proprietário, que desconheço, mas em cujo limiar talvez esta minha nota se intrometa inesperadamente, na distribuição cotidiana do jornal.

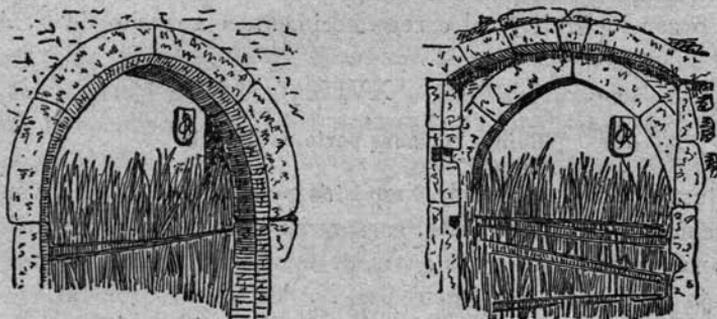
A pouca distância do lugar de «Calvanas», para S., existe um casal chamado dos «Frenesins» (*sic*), donde ainda em Maio foi arrancado um painel setecentistico da Senhora do Rosário; lá está na argamassa nua da parede o vestigio da operação. Perdeu a estética do casal aquella deliciosa mancha azul sôbre a alvura tisonada da sua cal, mas talvez a conservação dessa pequena obra de arte ficasse mais assegurada dos vândalos anónimos, que destruíram à pedrada outro painel policrómico, ornamento do pilar de uma nora ali abandonada.

Defronte desse casal, do lado oposto do caminho, vêem-se as ruínas de uma construção, em cujo interior um hortejo esconde a sua

magra vegetação. Expressivamente chamam ao conjunto dessas ruínas os «Casarões». São paredes velhas de uma ampla habitação rural, de que ruíram, não há muitas dezenas de anos talvez, os telhados e os pavimentos.

Mas procuremos a parede voltada ao S. Perfura-a ainda uma abertura ogival com todo o ar de porta castelática, anterior ao séc. XIV ou coeva d'êste período. O terreno subiu com entulhos e transportes de terra, de maneira que o limiar primitivo está soterrado. As linhas superiores e laterais do pórtico são porém as originárias.

A sua estrutura era de pedras de cantaria aparelhada, provenientes de um calcáreo profusamente conchífero, que, em séculos posteriores, não seria aproveitado mais do que para alvenaria. Material



grosseiríssimo, extraído da rocha local, de que se encontram por ali vários afloramentos.

Em pedras desta natureza seria impossível descobrir as siglas de canteiro, tam usuais em construções da época referida. Imaginem o que resulta da rudeza da pedra e da acção dos séculos! Só vendo.

A ogiva do pórtico é constituída, de cada lado, por duas longas aduelas, cuja aresta anterior é cortada por largo chanfro, que se prolonga pelas ombreiras abaixo. O vivo da entrada, olhado de frente, é pois um arco ogival sem impostas; mede de altura 2^m,49 e de largo 2 metros. Transpúnhamo-lo e vejamos a sua estrutura interior. A meia espessura da parede, um arco abatido ou de sarapanel emmoldura superiormente a ogiva, e é sustentado por ombreiras reintrantes. Esta disposição, que era aliás comum nas construções desta espécie, tinha por fim estabelecer batentes para as portadas de madeira, que jogavam nos quícios do arco abatido e da soleira ou limiar.

No estado actual, uma vedação de caniço impede a passagem para o interior das ruínas através daquela porta, junto da qual, há mais de seis séculos, se apeariam indómitos cavaleiros de barbuda reluzente.

*

E eis aqui um tentador problema para as locubrações dos amantes da Antiguidade Olisiponense: ¿será possível encontrar a atribuição verídica desta ruína, menos rara em Portugal do que inesperada nos subúrbios de Lisboa?

Acompanho esta nota dos esboços, que na carteira tracei, à vista da velha portada de Calvanas, quer pela sua face exterior, quer pela interior.

À esclarecida e patriótica denunciadora destas ruínas, a qual exige o seu incógnito, vai o reconhecimento e respeito de F. A. P.

XVI

Ruínas romanas perto de Cascais

Ajustando-me aos moldes impostos pela crise do papel, vou dar conhecimento de umas ruínas, caracterizadamente da época lusitano-romana, encontradas pelo autor destas notas no *Alto de Alvide*, logarejo situado a 2 quilómetros ao N. de Cascais. Constam de três recipientes rectangulares de dimensões diversas; seria desculpável apresentar a planta respectiva, mas não o faço. O aspecto sumário das construções é o de três tanques de alvenaria forrados interiormente, dois deles, da argamassa chamada em tecnologia romana *opus signinum*, e constituída por cal, areia e fragmentos de teijolo. O 1.º, isto é, o maior tem internamente o comprimento de 6 metros; a largura de 3 metros e a profundidade máxima actual de 1^m,10. O 2.º tem de lado 1^m,50 por 1^m,50 e de profundidade, que devê ser aproximadamente a primitiva, 0^m,72; o 3.º mede apenas 0^m,45 por 0^m,45 e de altura interna actual 0^m,40. A 2.ª piscina achava-se também forrada de cantaria de grés, com a espessura de 0^m,14 e 0^m,17, justaposta ao rebóco de *opus signinum*. O pavimento desta é a rocha natural, nivelada a picão. Toda a alvenaria é feita com o calcáreo local. Os dois primeiros recipientes parecem ter exercido funções conjugadas, não só porque a distância que os separa é diminuta (1^m,70), mas porque as suas linhas são recíprocamente ortogonais. O último dista do anterior 8^m,70 e parece ter tido serventia independente dos outros, embora pudesse ser acessória. Nos dois maiores,

os ângulos diedros internos têm argamassa ceramífera arredondada em moldura mais ou menos côncava; no menor a moldura é convexa. O 1.º tanque ou piscina emerge do terreno circunjacente, mesmo na época romana; pode estudar-se ainda hoje a estrutura admirável da sua alvenaria disposta canonicamente em fiadas horizontais de pequeno aparelho.

Foi o aspecto interessantíssimo desta particularidade que me sacudiu a atenção, quando, em 20 de Agosto último, eu vagueava próximo nas minhas rondas arqueológicas. Os outros dois recintos estão actualmente rasos com o solo. A presença do rebôco de formigão nas paredes internas e no pavimento com as engradadas arredondadas indica, com a maior verossemelhança, que eram destinadas a conter líquidos estas piscinas. A coexistência de três e, sobretudo, a conjugação provável das duas primeiras, bem como as respectivas dimensões, permitem conjecturar que não eram simples depósitos de água para usos agrícolas, mas que tinham um destino industrial. Entre a preparação e tinturaria de tecidos (apareceu um peso de tear), o cortume de peles ou pelame e a salga de pescado, hesita a minha atribuição. Não faço confrontos arqueológicos *brevitatis causa*. Mas será útil continuar para O. as explorações.

A *Associação dos Arqueólogos* (Edifício do Carmo) acaba de desobstruir, à sua custa, estas ruínas, depois de reconhecida a sua importância pelo Sr. D. José Pessanha. A conservação delas vai, porém, ser confiada à Câmara de Cascais; e, já que falo nesta entidade, vou divulgar uma sua medida a respeito das *Furnas do Poço Velho* às quais me referi, 2 anos há, em o n.º 1 de *Antiquitas*. O conspurcado depósito de viaturas de limpeza, através do qual se penetrava então nas grutas, é hoje um recinto ajardinado, onde um guarda faculta a visita das furnas prehistóricas. Isto honra e distingue o Senado municipal de Cascais, dum modo muito notável.

XVII

Origens arcaicas de Cascais

Depois da descrição que, em resumidíssimas linhas, tracei das ruínas romanas encontradas a pouca distância de Cascais (*Diário de Notícias* de 24-XI-917), o espirito curioso dos meus leitores terá perguntado, através do tempo, qual a concatenação histórica e arqueológica, que possam acaso ter construções daquela época, em um logarejo ignorado e rústico, aparentemente moderno, como é Alvide, cujas pobres habitações se ocultam, quasi todas, dentro de

«paítos», limitados por três ou quatro paredes de alvenaria sêca e enegrecida. É rara ali a moradia que a cal faça sorrir com aquela branca alegre, que ilumina a alma de quem passa no caminho; e, contudo, é eminentemente calcifera a região de Cascais. No meio desta miséria construtiva é de causar certa surpresa encontrarem-se ruínas, não daqueles monumentos architectónicos que caracterizaram a magnificência romana, mas ainda assim de construções que permitem a suspeita de que mais alguma cousa, além daquilo que já foi descoberto, permanece por ali subterrado, atestando a presença duma civilização antiga, bem desenvolvida.

Históricamente, a comprovação do problema encontra na sucessão dos factos alguma base para ser tentada; não é às cegas que eu caminharei nas considerações que o resultado da minha pesquisa me sugere. Autênticos vestígios archeológicos vão dirigir-me.

*

As ruínas exumadas encontram-se na orla estrema duma área saturada de destroços da antiguidade romana. É o pendor, voltado ao oriente dum vale que corre pouco mais ou menos de N. a S. e cuja cabeceira se encontra a cêrca de 500 metros a montante das ruínas. Toda a zona de terras que constituem essa ilharga do vale e que o fecham e dominam mais acima no vértice, inflectindo para os campos fronteiros, contêm abundantes restos de eras antigas. É uma faixa de terreno que se apoia em Alvide dum lado e na Abuxarda do outro, descrevendo um arco de parábola, com a convexidade para N.

No alto, em redor do qual se dilata um amplíssimo e soberbo panorama, são visíveis ainda trechos de paredes de sólidas cantarias de grés, e, no solo, uma prodigiosa cópia de cerâmica romana, doméstica e de construção, pedaços de betonilha de teijolo, fragmentos de mármore serrados, indicativos dum denso núcleo de população sedentária, que intencionalmente se estabeleceu em um padraço, dominador e desafrontado. ¿Sabem os leitores que sítio é este? São as Sancidreiras (ou Encidreiras, como este ano ouvi), a que fiz alusão em o n.º IV do *Antiquitus*.

A área archeológica, aí assinada, amplificou-se com os achados de 1917. E adquiriu maior importância, porque foram verificados verdadeiros envasamentos de edificios, e penso que não errarei, attribuindo-os francamente à influencia directa da cultura romana.

Com toda a verossemelhança, foi ali uma povoação lusitano-romana

de ignorado nome; mas que encerrou, plausivelmente, as origens arcaicas da moderna Cascais, situada mais ao sul.

Não é de esperar que se empreendam escavações em relação com a importância dos vestígios que lá estão, à vista de toda a gente. E contudo provável é que, para a história e para a arqueologia, nem dinheiro nem tempo fôssem malbaratados.

¿A que século havemos de lançar a responsabilidade do eramento dêste povoado? Ao século v? Ao século VIII? Algumas centenas de metros para leste das Encidrefras, explorou Paula e Oliveira uma necrópole visigótica, que julgou romana; mas que, sendo como era mediévica, demonstra que a população se germanizou, não desparecendo totalmente dêstes sítios. Mas já aquele malgrado antropologista anotou, em rápidas palavras, a importância das ruínas, que também aqui denunciei o ano passado. E nem êle as pôde explorar, nem eu tampouco o poderei fazer. A charrua lá vai todos os anos, impelida pelo génio inconsciente da destruição, romper obstinadamente a terra que cresceu a envolver aquelas ruínas, deslocando mais uma pedra, dispersando mais um resto de betonilha, pulverizando mais um fragmento de cerâmica, obliterando mais uma linha na página que se deveria escrever sobre aqueles despojos.

Resignemo-nos a esta maldição dos nossos dias.

O que é certo é que, além dêstes, subsistem ainda vestígios de épocas posteriores, que escalonam mais alguns traços históricos de Cascais antiga. E não são exclusivamente vestígios materiais os que me subministram mais um argumento.

O próprio aspecto filológico do toponímico redundando em uma consideração aproveitável. Alvide (de *Alvitus*), é um nome germanico, que nos aparece ao N. do Mondego em documentos desde o século IX e que para aqui foi trazida, talvez só na reconquista dêstes distritos aos muçulmanos.

O capitel descrito em o n.º IV do *Antiquitus*, e que presuntivamente classifiquei de românico (séculos XI a XIII), foi encontrado nesta mesma área. Hoje a minha atribuição tem a roburá-la a autoridade do Sr. D. José Pessanha, a quem tive o ensejo de o mostrar.

Mas os séculos rolaram e, no de 1500, ainda a presença de uma população, disseminada se quiserem, mas tradicionalista, se comprova no aparecimento de peças architectónicas interessantes; uma também já relatei o ano passado (*Antiquitus*, n.º IV); mas outra foi encontrada no último verão, e é, como a antecedente, um fecho de abóbada de mármore, com a superfície toda lavrada no género manuelino.

Êste, com todos os outros restos, em breve será exposto no Museu do Edifício do Carmo.

Os elos desta extensa cadeia de tradições foram-se, desta guisa, aproximando dos tempos actuais, chegando ainda ao século XVIII.

O derradeiro foi uma ermidezinha da invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso de que o *Dicionário Geográfico* dá conta, na relação manuscrita do pároco de Alcabideche, datada de 1758. Actualmente apenas se conservam inclassificáveis ruínas dela, numa terra a que chamam ainda do Bom Sucesso e onde existe viva a tradição da antiga capela.

Ora é precisamente em parte dessa terra que se acham soterradas as ruínas dos tanques ou depósitos romanos, que foram desobstruídos pela Associação dos Arqueólogos, durante o passado mês de Agosto e no sítio do Alto de Alvide. Êste era, pois, o último edificio que perpetuava a altaneira povoação lusitano-romana das Encidreiras; em vez dêle ... um montão de pedras, onde mal se reconhecem compartimentos de acanhadas construções, cujos materiais, dentro de pouco tempo, serão impiedosamente dispersados.

*

Aqui têm os meus leitores como se pode determinar, através de tantos séculos, uma zona arqueológica, de cuja importância só metódicas explorações poderão revelar o segredo.

Em primeiro lugar encontrámos as provas da ocupação romana, nos socos do edificio e nas construções exumadas; depois vimos a época visigótica na necrópole explorada por Paula e Oliveira; a idade média, menos antiga, no templo românico, presumível à face de um capitel e na própria natureza germânica do toponímico; o renascimento, no edificio manuelino que as correspondentes peças architectónicas pressupõe; o século de «setecentos», na ermida do Bom Sucesso, cujos restos confirmam a informação escrita coeva e a verbal de agora.

Mais uma vez noto como muitos lugares de ocupação arcaica, em épocas pre- e protocristãs, são lembrados aos vindouros por meio de edificios consagrados ao culto. Nos dias de hoje uma rajada de esquecimento caiu sobre todos estes edificios do passado, até sobre o do século XVIII, de que só restam ruínas, a caminho da mais completa obliteração. Daqui a poucos anos, esta, apesar de tudo, escassa seriação de factos tornar-se-ia impossível, mas é de crer que, há dois ou três séculos, ela ainda contava maior número de elementos, que já desapareceram.

XVIII

A Cruz da Areia

A *Praia do Guincho* é, ouve-se dizer em Cascais, um dos sítios de mais admirável paisagem das imediações, pela forte sobriedade das tintas que a caracterizam.

Admira-se ali, murando o horizonte ao N., o *Cabo da Roca*, temeroso e íngreme penhasco, que precipita no oceano a tumidez íngente do seu dorso de granito e que produz, a quem o vê daquele ponto, uma curiosa ilusão de proximidade pelas dimensões gigantescas da sua mole denegrida e pela ausência de gradação na perspectiva dos planos uniformes em côr e relêvo, donde êle emerge ao longe.

A enormidade daquela elevadíssima *roca*, segundo o próprio significado do designativo, tópico e corográfico, foi a circunstância que também impressionou os navegadores da antiguidade, quando deram a êste prolongamento notável da *Serra da Lua* o epíteto sufficientemente expressivo de *Promunturium Magnum*.

Ávido desta sensação à antiga, combinei com o meu honrado amigo V. de B. e V. uma larga excursão pedestre à *Praia do Guincho*. Examinámos sôbre a Carta dos Arredores de Lisboa o itinerário mais directo e, pelo caminho escabroso que conduz ao lugar da *Torre* e por aquele que, passando ao S. de *Birre*, se lhe segue, mais suave, mas igualmente monótono, e leva ao lugar da *Areia*, a nossa conversa entreteve-se com a previsão da paisagem bravia, que íamos contemplar, sôbre o areal interminavelmente revolvido pelas nortadas da costa, onde até uma nascente de óptima água encontraríamos à borda do mar. Não caturrávamos em ponderosas locubrações arqueológicas; não íamos senão despreocupadamente em busca de ar salgado e refrescante, de ondulações de areia tremeluzente, do aspecto grandioso daquele magno rochedo, em cuja base as ondas profundas espumejam.

*

Mas estas frases enunciam apenas uma pressuposta sensação, porque, na verdade, não cumprimos o programa concertado *inter pocula*... de chá. O imprevisto arqueológico embargou-nos o passo, e no lugar da *Areia*, acima referido, nos quedámos, surpresos de um achado.

É que pouco àquêr desta aldeia, um velho monumento desaprumado pareceu acenar-nos. Era um singelo cruzeiro de pedra; mas

êste símbolo, erguido no campo, apieda o coração mais prosaico. Lembra-se a gente de que seja um crime ali perpetrado traiçoeiramente; acode a memória de algum viandante, que sucumbisse, naquele sítio, a uma morte súbita. Todavia, nem sempre é isso. Como ali, o modesto monumento era o *Ó Cruz, ave!* duma povoação próxima, que possuía a sua ermidezinha e, a distância, a anunciava por um pobre cruzeiro, a que as procissões vinham dar a volta em dias da festa do orago.

O desenho, que a gravura reproduz, mostra o estado em que avistámos a *Cruz de Areia*. Inclinada tristemente a uma banda e parcialmente mutilada! Vetustez? Abandono? Atentado? Tudo lembrou.



Aproximámo-nos. Curiosamente monolítica, isto é, talhada com haste e braços num só tosco cascão duma bancada de calcáreo local, a cruz emergia de uma pedra de cantaria, perfurada ao meio; contudo firmava ainda o espigão subjacente num maciço de alvenaria, também em derrocada.

Mas... ó deuses do paganismo! A cantaria fôra uma ara romana de provável natureza funerária, ornada de clássicos labores, quasi delidos pelas intempéries seculares. Aos pés da cruz, a sustê-la ainda da sua queda fatal, ali jazia aquele destrôço do culto antigo, que, depois de ter presenciado os cortejos do ritual pagão fúnebre, fôra chamado, tantos séculos volvidos, a escutar também as múrmuras preces das gerações cristianizadas. É de fazer inveja esta longevidade das pedras!

Emfim, examinou-se o surpreendente achado e a ara da estrada da Póvoa de Santo Adrião, descrita no *Antiquitus* n.º XIII, veio-me à lembrança pela flagrante analogia dos labores ornamentais em uma e outra. Eram decerto muito *coetâneos* os dois cipos, tão semelhantes são os desenhos de um e outro. Nenhum indício epigráfico porém conduz à desejável precisão cronológica, quanto aos dois monumentos; ambos são dum período da época lusitano-romana, contemporâneo ou pouco posterior ao século I da nossa era e... nada mais.

O que todavia se pode notar é que, na enorme colecção lapidar

do Museu Etnológico, não existem cipos funerários com friso ornamentado como este.

E quanto a dimensões: altura do cruzeiro: 2^m,17.

Cavidade do encaixe: 0^m,36 × 0^m,18.

Lados da base: 0^m,74 × 0^m,74.

Espessura desta: 0^m,20.

*

Daí a semanas, o cruzeiro refazia-se. O fustê, o mesmo antigo fustê de calcáreo apurava-se sôbre um plinto novo de alvenaria cimentada. Não se lhe corrigia o defeito da mutilação do braço, porque tal remendo equivaleria a pôr de lado esta singularidade, quasi amorosa, de ser talhada a cruz inteiriça em um único pedaço de pedra.

Mas a sua estabilidade e conservação ficavam asseguradas para o futuro, sem perda da sua rudeza encantadora. A cantaria com labores, essa foi transportada para Lisboa e o Museu do Carmo a guarda, visto como foi a Associação dos Archeólogos Portugueses a entidade que ministrou os meios necessários para esta obra de salvamento duma antiguidade lusitano-romana.

E o passeio à *Praia do Guincho* lá ficou... para as calendas gregas!

Em suplemento:

Na minha última nota (xvii) do *Antiquitus* (*Diário de Noticias* de 7-1-918), para encadear a série cronológica de vestígios, à qual se prende o sítio chamado *Terra do Bom Sucesso*, em Alvide, aproveitei uma consideração, aliás *ex abundantia*, de natureza filológica. Consistiu ela em derivar o toponímico Alvide do nome germânico *Alvitus*, em genitivo. Estava averiguado que, em docs. dos séculos IX, X e XI, respigados pelo sr. A. A. Cortesão (*Archeologo Português*, VIII, 202, e xvii, 124), se encontravam os seguintes nomes latinizados: *Alvit*, *Alviti*, *Alvitici*, *Alvitiz*, *Alvitus*, e o Sr. Pedro de Azevedo, erudito conservador da Torre do Tombo, dava a Alvite e Alvito a supracitada origem etimológica.

A minha insuficiência em matéria filológica levou-me a ampliar esta etimologia a Alvide, sem fazer reparo na importância que a variante podia ter na evolução da língua portuguesa, relativamente à época em que podia dar-se o adoçamento do *t*, segundo a zona do Sul ou do Norte do país. Há, assim, quem entenda que a origem do vocábulo *Alvide* não podia procurar-se no mesmo *étimo* que Alvite,

mas que se devia aproximar da de outros tópicos em *-ide*, frequentes nesta região estremenha, como Caparide, Colaride, Carnide, etc.

A minha argumentação fundamental não perdeu, por isso, o esteio arqueológico, porque para encontrar um vestígio da influência germânica na área, que era objecto do meu estudo, eu tinha os cemitérios de Abuxarda e Alcoutão, a que me referi e que a arqueologia me demonstrava serem *visigóticos*. Em concordância até com esta atribuição, subsistem os caracteres craniométricos dos próprios esqueletos, segundo o pensar do illustre antropologista Dr. Costa Ferreira, na *Revista de História*, II, 112, e isto vale muito.

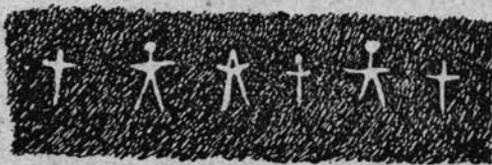
A lialdade, porêm, que devo aos meus leitores, obrigava-me a preveni-los do embargo levantado a uma das minhas alegações por alguêm, a cuja autoridade scientifica presto o maior culto.

XIX

Pictografias murais da Tôrre.—Polidoiros modernos em Birre. Sino do sec. XVI na Areia.

A excursão à Cruz da Areia, de que me ocupei na minha última nota, deixou no meu livro de apontamentos mais algumas linhas do que aquelas que subordinei ao curioso monumento. É dessas que venho hoje fazer o traslado para o n.º XIX do *Antiquitus*.

Um dos lugarejos que atravessámos foi o da *Tôrre*. A coloração parda da maior parte das casas, dos caminhos, das paredes, de uma



Figuras dealbadas a cal em uma parede
(aldeia da Tôrre — Cascais)

ermida lança-nos sombras no coração. O silêncio que envolve estas povoações áridas, donde não saem vozes que cantem as alegres mágoas da mocidade, arrefece-nos a alma. Parece que nem o fumo dos lares azulava os telhados. No tanque da fonte pública havia de facto quem lavasse roupa; mas nem esta parecia alva, nem a água com frescura. Uma árvore solitária, que ali crescera, tinha-se decerto esquecido de morrer como as outras. Não me lembro se a ermida tinha sino; o que posso quási asseverar é que elle não batia as *Ave-Marias*. Nenhum edificio, uma casa que fôsse, nos explicava a toponímia do lugar.

Mas à saída da povoação, no caminho para Birre, um facto de etnografia nos veio trazer dois minutos de interêsse. Dentro duma

pequena fazenda murada, dum campo, como diríamos no norte, a parede em frente, parda, como tudo, mostrava umas pinturas extremamente curiosas. Era uma fileira de seis bonecos humanos, quasi gigantescos, dealbados a água de cal, como guerrilheiros de sentinela, para afugentar a passarada atrevida. Quem conheça essas figuras esquematizadas que as gerações

ante-históricas pintaram e gravaram nas rochas e até nos megálitos, não pode deixar de se deter perante estas pictografias modernas dum sentimento, duma arte tam similar à das preistóricas. É certo que aquelas não são mais que esquemas esporádicos da figura humana impostos pelo desejo material de representar, o menos complicadamente possível, o contôrno do homem e os petroglifos rupestres da antiguidade representam, por assim dizer, símbolos evoluídos, que uma intenção mantida pelas tradições do passado inspirava dentro duma organização social mais ou menos simples. Em todo o caso, a analogia era frisante e, como manifestações dum senso artístico de carácter primitivo, era lícito o seu confronto. Para comprovar a minha impressão, reproduzo os espantalhos pintados da Torre e várias figuras rupestres, cuja antiguidade pode reputar-se por alguns milhares de anos.



- 1— *Los Grabados Rupestres de la Torre de Hercules (La Coruña)*, por Juan Cabré Aguiló (Madrid, 1915). Fig. 2.
 2— *L'âge des Cavernes et Roches Ornées de France et d'Espagne*, par l'Abbé Breuil (Paris, 1912). Fig. 35.
 3— *Peintures dans les dolmens de Portugal*, par J. Leite de Vasconcellos (Paris, 1907). Pl. I, E.

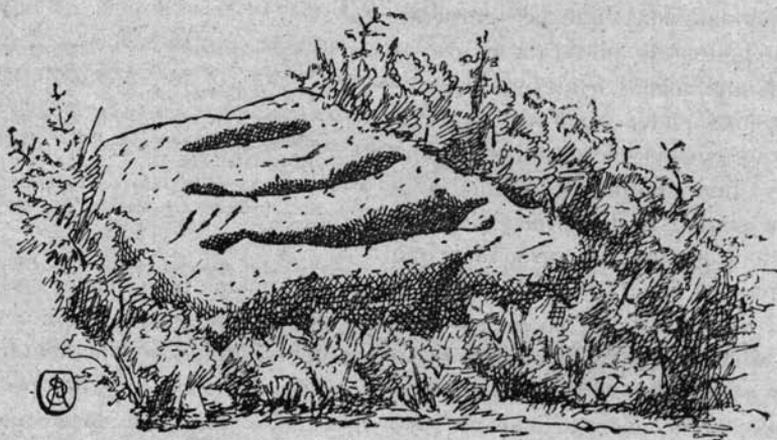
*

Do lugar da Torre o nosso itinerário marcou *Birre*. Aqui uma nova sobrevivência preistórica nos esperava. Nas proximidades da fonte, aflora no solo uma rocha gresífera, a que chamam na localidade «pedra de saibro», denominação muito variável de sentido, conforme as províncias. Nessas lajes notam-se uns sulcos que parecem não só artificiais, mas até pouco antigos, e que recordam insistentemente os *polidoiros* neolíticos. Se o fôssem, o achado era de grande valia. Mas as superfícies friccionadas não eram tam regulares, nem os topos dos vincos tam iguais e perfeitos como os preistóricos. Sem embargo, não se podia duvidar de que ali tivesse sido afiada ferramenta metálica. Um velho (a gente moça tressuava nas «fazendas») então me contou que, quando a estrada fôra aberta, os trabalhadores

iam ali afiar os seus *ferros de minar*. Actualmente as pedras de afiar são móveis e fazem parte do material transportável; a sobrevivência está em ter sido utilizada a rocha viva para o mesmo efeito, deixando-se nela sulcos mais ou menos regularmente dispostos.

Desenhei uma dessas lajes.

O velho, que inquiri sobre a origem dos *polidoiros*, debulhava pacientemente numa modesta eira, com um novilho e uma jumenta.



A mulher acorava-se a um canto. Mais ninguém. O sol era um dilúvio de luz que alagava aquela scena estremenha, às vezes tam rica de movimento, tam exuberante de fogo e até tam caracteristicamente estrídula. Como subsídio etnográfico, não omitirei a menção dum utensilio, que o velho agrícola empunhava com a dextra. Da semente provêm a farinha e da farinha procede o pão sagrado, que as nossas mães nos ensinaram a beijar quando nos cai ao chão. Que admira pois que essa bemdita semente não deva ser conspurcada na eira pelos irracionais que trilham a palha? Uma vara de marmeleiro bifurcada numa extremidade de modo que as pontas dos dois ramos se arqueiam para dentro e se ligam formando um O alongado, eis o esqueleto do previdente artefacto, com que o velho de Birre também estimulava a original parelha, visto que na outra extremidade um



agulhão rematava a haste. O espaço, que fica entre os dois mencionados braços, é preenchido por uma pele de carneiro, com a lâ do lado a que o uso dá alguma convexidade. Se perguntardes ao debulhador qual a aplicação desse utensilio, ele res-

ponder-vos há que é para o gado *desbostar* dentro dêle. E se quiserdes saber, como etnógrafo, o nome por que o referido traste é designado, com a maior desprevenção vos pronunciará uma palavra rude, derivada daquele verbo bem português que a civilidade baniu das nossas conversas e formada, como de lavar se formou lavadoiro; de matar, matadoiro; de vaziar, vazadoiro.

*

De Birre passamos à *Areia*. Já entretive os meus leitores com o cruzeiro. Mas depois voltei lá e digo porquê.

É que perto da cruz há uma capela de S. Brás; podiam conservar-se ainda por lá alguns restos de paganismo. Alem disso o sino da pobre ermida deu-me umas badaladas de palpíte cá dentro; era preciso examiná-lo de perto, e isso só em ocasião apropriada, com uma escada de mão podia fazer-se. Dentro, a capelinha só me trouxe decepção; o altar, de alvenaria; no lajedo do pavimento, do adro, nenhuma pedra de antiguidade.

Mas o sino? Esse sim! Do séc. XVI pelo menos. Tem uma legenda de caracteres góticos. Disseram-me que foi para lá transportado de Cascais; ignoro a origem.

A campana tem de altura 0^m,29 e o diâmetro da bôca é de 0^m,34. O anel superior ficou debaixo da madeira do cabeçalho, mas abriram quatro buracos na parte superior para entrarem as extremidades das duas cintas de ferro que o consolidam. Há uma só faixa com letras góticas na metade superior; são salientes com 0^m,03 de alto e ornadas dum traço circundante em cada uma. Os pontos separativos são constituídos por três estrélas verticais, três vezes repetidas



porque três apenas são as palavras. É uma saudação da *Ave-Maria*. A meia altura há dois pequenos medalhões em relêvo; era penoso o goito de examiná-los confiadamente; figuraram-se-me iguais e terem a imagem da Virgem Santa em meio corpo com o Menino no regaço e uma inscrição ilegível em volta, de caracteres que supus onciais. A cabeça da Nossa Senhora parece que se levanta sôbre um nimbo crucífero (1). Debaxo dum dos medalhões, há um grupo de três estrélas como as da legenda, mas horizontalmente dispostas.

O pavimento da ermidinha estava alfombrado confortavelmente de junco sêco da praia. O mesmo uso subsiste nas habitações. Já as Inquirições falam da obrigação de certos foreiros da coroa terem de juncar os paços do rei. Até é suave pisar estas alcatifas à antiga portuguesa, ou à antiga lusitana, porque Estrabão também já refere que os lusitanos *supra thoros herbaceos dormiunt*.

XX

Lagaretas do Casal do Geraldo (Alcabideche)

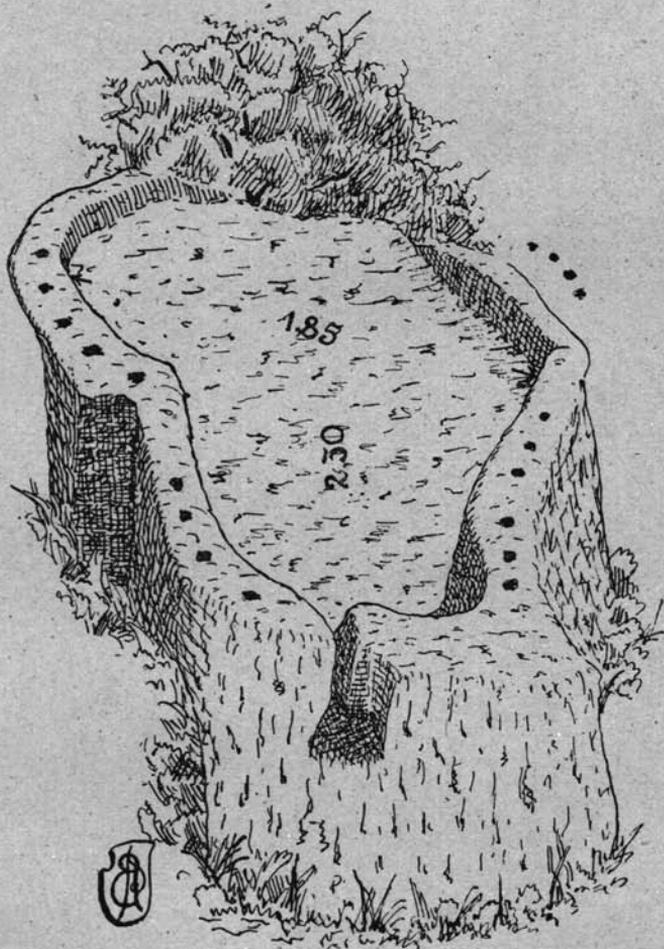
Um dos propósitos, que me norteavam nas excursões em tórno de Cascais, era a verificação dos trabalhos de Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira na mesma área. Até foi assim que principiou a secção ANTIQVITVS no *Diário de Notícias*, com aquele acolhimento gentil que o seu illustre Director sempre e depois me dispensou; a 1.^a nota versava sôbre a gruta do Poço Velho em Cascais.

Um dia fiz escala pelo *Casal do Geraldo*, de que Paula e Oliveira fala nas *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascais*. Êste malgrado autor refere ter ali encontrado em uma rocha um recipiente rectangular com orificio lateral, que lhe recordou outro de Alapraia (não a gruta, evidentemente), embora admita diversa applicação, mas vai achando preferível classificá-lo de prelístico a julgá-lo romano. Na verdade, as escavações rupestres do *Casal do Geraldo* são muito curiosas e dignas de observação. Estão situadas ao S. de Alcabideche, nuns afloramentos de grés.

As principais são duas, uma quadrangular, e outra sub-pentagonal. Aquela encontrei-a entulhada de terra. A maior extensão dêste recipiente aberto na rocha está na linha L.-O. Um dos lados maiores é mais cavado que o outro; fica do lado de N.-S. e tem a meio o boeiro perfurado de descarga. O lado oposto só é escavado em metade do seu comprimento, porque na parte restante o fundo liga-se insensivelmente à superficie do rochedo. O comprimento é de 2^m,80; a largura é num extremo 2 metros e noutra 0^m,80. O sedimento terroso impediu-me de medir a fundura. Além dêste recipiente, vê-se outro próximo, que mede 0^m,70 × 0^m,40 e de profundidade 0^m,15.

Mais curiosa que esta é porém a outra fossa. Efectivamente esta tem a forma sub-pentagonal, como nota Paula e Oliveira, mas penso que foi a própria disposição da rocha que determinou o feitio da obra. Ê de notar que o rochedo é um pouco elevado (cêrca de 1 metro) sôbre o solo e as paredes laterais foram afeiçoadas, dando-se-lhes verticalidade, à custa do necessário desbaste.

Dou dêste recipiente um desenho, que dispensa maior descrição. O bordo é alto, mas o fundo não é horizontal, senão um tanto declivoso. O que mais caracteriza esta obra são uns buracos bastante superficiais que se vêem nos bordos, mais ou menos irregularmente dispostos. Do lado esquerdo, alguns já desapareceram, porque



o bordo começou a ser despedaçado; êsse vandalismo era porê m recente por ocasião da minha visita (Agosto de 1917). Do lado direito, quatro dessas depressões estavam feitas numa rocha contígua. A disposição do boeiro é também curiosa; uma zona externa era mais larga que outra interna, ficando separadas por um corte de alargamento em ângulo recto.

Quanto a dimensões, ajuntarei que o comprimento do interior desta pia é de 2^m,30 e a maior largura 1^m,85, tendo 0^m,75 próximo da biqueira. Esta mede 0^m,30 de profundidade, 0^m,15 na boca e 0^m,25 de comprimento. A altura do rochedo é 1 metro na parede do boeiro e 0^m,80 a meio. Como este recipiente está orientado de N. a S., na face O. que é uma das colaterais, há, a meia altura, uma pequena cavidade artificial.

Paula e Oliveira diz que encontrou nas proximidades antigualhas romanas. Por mim direi que o que colhi do solo não é suficientemente demonstrativo; um martelo de pedra, um bordo de grande vaso rodado...

*

Já tive ocasião de me referir a esta antiguidade no *Arch. Port.*, xiv, p. 310. Confrontei-a com um recipiente rupestre circundado também de covinhas estreitas e penso que a mais sêgura explicação está em lhes assinar um destino cultural e dar-lhes francamente o nome de lagaretas de vinificação. De que época?

Tudo que quiserem, menos ante-romano ou preistórico. A lagareta de *Ázere* (cit. *Arch. Port.*) estava nas proximidades dum castro precisamente na directriz das populações proto-cristãs; a do *Casal do Geraldo* está numa região onde as antiguidades romanas andam aos pontapés com as germánicas.

Paula e Oliveira dá uma fotopia desta escavação; os meus desenhos são feitos conscienciosamente à vista. Esquecia-me notar que o falecido investigador contou 21 covinhas; eu já só contei 19, mas poucos dias (?) antes tinham mutilado o bordo! É possível que nestas fossazinhas se fincassem estadulhos ou fasquias para conterem a massa vinária destinada à espremedura e que o buraco lateral do rochedo interviesse para ponto de apoio dalguma alavanca. O sistema estava universalmente divulgado. No *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, vol. VII, p. 68, referem-se vários monólitos similares à lagareta de *Ázere*, e dá-se lhes também atribuição agrícola.

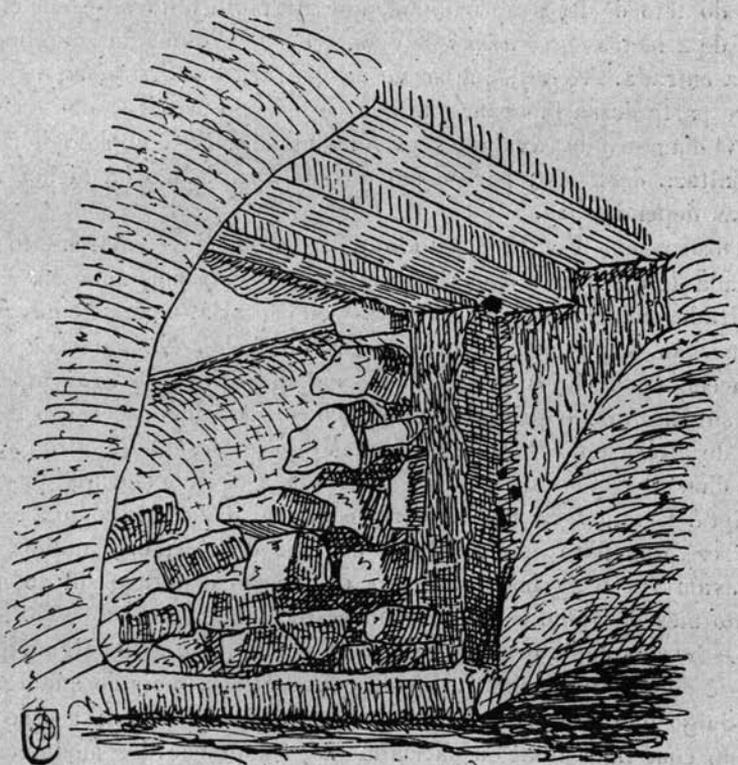
XXI

A «Cova dos Mouros» na Alapraia.—A «Fonte dos Mouros» Lagaretas insculpidas.—Sempre vestígios

Quem descer na estação de S. João do Estoril e seguir pela estrada de Caparide, tendo andado umas centenas de metros, encontra um agrupamento de casas que é o lugar de Alapraia. Meia dúzia de

figueiras, meia dúzia de casas rurais sôbre um pequeno morro preenchem o quadro, que, por sinal, mirado da estrada, tem um cunho inteiramente regional, na sua sobriedade de côres e de linhas. A estrada passa em baixo; uma fonte moderna, com seu tanque para bebedouro das cavalgadas, uma taberna ou casa de pasto de frente, para a costumada contribuição ao Tôrres ou ao Ramisco, é o cenário que se desdobra diante do transeúnte.

Em *Alapraia* encontrou Paula e Oliveira uma curiosa construção subterrânea dos tempos prehistóricos, a qual descreve em brevíssimas



palavras. Cartailhac e o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos atribuíram-lhe depois o seu legítimo valor. Na divulgação de conhecimentos que me propus fazer por intermédio dum cotidiano de grande leitura, não posso deixar de dizer algumas cousas técnicas acêrca de subterrâneos da natureza dos de *Alapraia*. Paula e Oliveira não se enganou interpretando a gruta de *Alapraia*, chamada lá *Cova dos Mouros*, como tendo carácter funerário, apesar de a ter encontrado completamente

esvaziada. Eu começarei por descrever minuciosamente o estado em que esta antiguidade se encontrava em Julho de 1917. Pode ver-se uma gravura exacta dela nas *Religiões da Lusitânia* pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, vol. I, p. 238.

O desenho que junto para não repetir aquele, é tirado do próprio interior da cripta, cuja entrada estava, como se vê, vedada por uma paredezinha de pedra solta, através da qual penetrei. As suas paredes côncavas conservam provavelmente o mesmo aspecto e forma de sempre (dêsse incomensurável *sempre* que vem da ante-história) e tem a curvatura duma cúpula escavada na rocha com a parte central do teto de lajes horizontais, que portanto obturam uma clara-bóia de 2 metros *plus minus* de diâmetro e se prolongam actualmente até a entrada. A casa, que se vê na gravura das *Religiões*, assenta sobre parte dessa lucarna, que parece ter sido primitivamente circular. O diâmetro da cavidade sensivelmente circular é no solo de 5^m,70 e a altura de 2^m,70; parece um grande forno! Não há nichos nem outras dependências.

Observemos a entrada pelo lado de dentro; deve estar muito modificada do que foi na época prelstórica. Fizeram pois uma passagem quadrada, colocando duas ombreiras de cantaria, onde se conservam as mechas dos gonzos e os buracos do fecho. Na parte superior conhecem-se as lajes horizontais e em disposição de avançamento, que substituíram o primitivo teto rochoso. As dimensões são 2 metros de altura por 0^m,30 de largura. Vê-se no desenho o bordo superior dum dos lados da galeria, escavada a céu aberto, que precede a cripta. Esta galeria tem as paredes laterais côncavas como a cripta e parece que para esta se desce por um degrau; os entulhos não deixavam ver o pavimento. A sua orientação é para o sol ao meio dia no mês de Julho, em que visitei este monumento.

Os bordos superiores da galeria parecem quebrados nalguns pontos e é de crer que primitivamente convergissem mais do que agora, mas julgo que não errarei dizendo que este corredor de acesso era tapado com lajes total ou parcialmente, à imitação dos monumentos dolmênicos; não ficaram porém vestígios alguns.

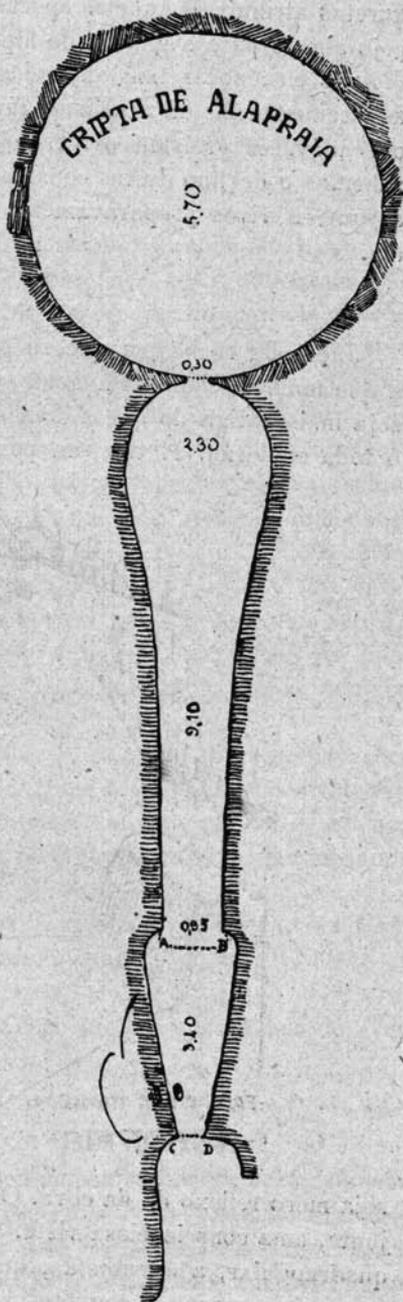
Merece também exame esta galeria ou *dromos*. Compõe-se de duas secções de disposição piriforme intencional: o comprimento total é de 12^m,50 desde a entrada da cova até a boca exterior, que fica junto duma parede oblíqua do rochedo. O pavimento está entulhado com pedregulho miúdo. A secção maior acusa 9^m,10 de comprimento e 2^m,30 no bôjo. Unindo mentalmente os pontos *A* e *B* do bordo da galeria, cuja distância é de 0^m,95, a altura do pavimento é de 0^m,80 e parece

haver aí novo degrau de descida para a secção contígua. Dada a curvatura das paredes laterais, a forma desta passagem é mais que semicircular.

A secção imediata tem apenas 3^m,40. A bôca desta parte é nos pontos *C D*, cuja altura é de um lado 0^m,70 e do outro 0^m,40 e o pavimento apresenta outro degrau descendente da altura de 0^m,35. Para àquê de *C D*, a rocha é irregular, tendo sido feita aí uma espécie de vestibulo irregular, cujos lados são determinados pela forma da laje. Esta secção tem as paredes menos ásperas que a outra, talvez pelo desgaste motivado pela maior passagem das pessoas.

*

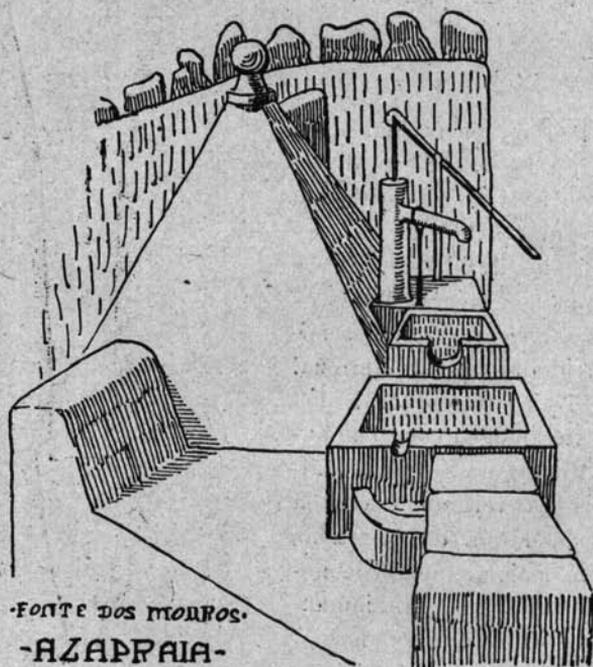
Aqui têm os meus leitores a quási fatigante descrição dèste curiosíssimo monumento sepulcral prelástico, que poderá ter os seus 45 a 50 séculos de idade. Mas ela estava ainda por fazer e todos os estudiosos sabem o que vale a minúcia em trabalhos desta natureza. Paula e Oliveira relacionou a disposição dèste hipogeu com o monumento do Monge, na Serra da Malveira; mas na verdade é com a sepultura da Fôlha de Barradas que êle tem maior analogia iconográfica. Os cadáveres eram inumados dentro destas criptas, mas o hipogeu de Alapraia foi violado provávelmente na época romana ou germânica. As razões que tenho para o presumir são, além das causas gerais para a maior parte dos



monumentos prehistóricos, a especial de estar a superfície da grande laje, em que foi escavada a cripta prehistórica, cheia de pias ou lagaretas atribuíveis àquelas épocas, e ter uma delas o orifício de despejo aberto para a galeria do hipogeu. Dada a violação da *Cova dos Mouros* em épocas tam afastadas, não é de admirar que ignoremos as circunstâncias de ritualismo fúnebre em que ali foram depositados os cadáveres prehistóricos. É pelo estudo de etnografia antiga que sabemos o destino destas construções, bem mais confortáveis do que as que os vivos preparavam nesses tempos para sua própria moradia.

*

Junto da rocha em que se encontra esta cripta, há uma fonte a que também chamam a *Fonte dos Mouros*. É provável que a água seja mais antiga do que a errada tradição, mas a construção actual é toda moderna. É também possível que a denominação da fonte



seja mero reflexo da da cova. Os leitores vêem dela, na zincogravura junta, uma conscienciosa vista. Sobre a nascente ergue-se a pirâmide quadrangular, a «agulheta», que uma «bola» remata; no fundo, um muro de «cascata» constitui a separação da propriedade vizinha.

O conjunto destes vários recipientes não é acessível a gado. Tudo muito caído e sem imundície deixa na verdade uma impressão reconfortante ao excursionista.

*

Arrumemos o assunto prehistórico e, sem desamparar o sítio, vamos ver o que gerações mais chegadas a nós ali executaram na rocha a descoberto.

Subamos a ela, que para isso nos deixaram os antigos umas escadas talhadas na viva pedra. Esta simples circunstância não implica o carácter cultural das insculpturas; seria tirar uma conclusão violenta do facto similar que se observa no recinto sagrado de Panóias (Trás-os-Montes). Ao lado esquerdo da cripta, há um lagar subpentagonal com 3 metros no lado maior; o fundo é plano; as paredes de altura irregular; num ponto são de 0^m,60; num ângulo interno tem um bueiro de 0^m,11 × 0^m,07, que desagúa na galeria do monumento prehistórico. No meio desta escavação, há uma pequena cova rectangular, mais comprida no fundo do que na bôca. As suas dimensões são: comprimento 0^m,40; a largura 0^m,16; a fundura 0^m,30. Além desta, vê-se outra pia quadrada com os lados de 0^m,50 × 0^m,40, entulhada porém, e sulcos vários. Junto da casa, que foi construída sobre o hipogeu como disse, está outra fossa quadrada com 0^m,60 de lado, e ainda outra, mas circular com 1^m,50 de diâmetro; ambas também cheias de terra.

Em toda a superfície da grande laje, se vêem outras escavações mal acusadas e sulcos pouco definidos, bem como saliências artificiais, cuja utilidade não se adivinha. A fossa subpentagonal é, ao que parece, um *torcularium*; a covinha rectangular mais ampla no fundo de que na bôca é significativa.

No lugar informaram-me que havia ali mais criptas como a *Cova dos Mouros*. Não logrei porém vê-las; contudo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos diz nas *Religiões da Lusitânia*, I, 228; que viu outra. Mais covas dos mouros me anunciaram que havia na aldeia de *Firé*, numa terra chamada o *Covão*.

*

A poente desta localidade há uma pequena eminência, onde dizem que foi um cemitério e houve um cruzeiro e á qual chamam *Alapraia de Cima* e o sítio indicado a *Cruz*; dois velhos recordavam-se ainda dos degraus, actualmente porém no local está a chamada *Quinta da*

Bela-Vista. Também ali me falaram de cavidades ou lagares; não vi vestígio algum. Seriam talvez as covas de que me falou o caseiro da quinta e a que não encontraram o fundo ao surripar a terra. Acaso *silos*? Pela mesma ocasião destruíram alicerces a fogo, encontrando argamassas rijas, telhas grossas. Plausivelmente restos de alguma *vila rustica* ou mais plausivelmente ainda, de algum edificio de carácter religioso, atenta a existência do cruzeiro, do cemitério, heranças de algum centro cultural antigo.

Nas terras dêste sítio encontrei uma moleta, mão ou percutor de pedra e alguns cacos.

No subsolo dessa quinta explorava-se um terreno de aluvião, saturado de seixos rolados. Rápida foi a minha visita a êste subterrâneo, mas o meu desejo de descobrir vestígios paleolíticos só me trouxe mais um desengano. E se estivesse em condições de a repetir, só depois de reiteradas pesquisas é que desistiria.

XXII

Vestígios preistóricos no Lumiar

Vamos a umas badaladas mais no bronze que o *Diário de Notícias* me deixa tanger no cimo da sua torre já semi-secular, em prol da Antiguidade. *Voco plebem*: viam-se estas palavras entre outras, no bôjo dum velho sino da cathedral olisiponense, e *vocare plebem* podia ser, descontada a falta de sonoridade da minha frase, o lema dêstes apontamentos fugidios.

*

Quando compulsei o *Diccionario Geographico* do oratoriano Luís Cardoso, a propósito da ara da Ponte da Póvoa, espertou-me o bichinho da curiosidade o toponímico *Outeiro das Arcas*, da freguesia do Lumiar, e logo me propus uma excursão para estes lados, a ver se encontrava alguma justificação arqueológica daquele designativo *Arcas*, que algumas vezes pode corresponder a antas ou *dólmenes*.

É com os incidentes desta pesquisa que hoje venho entreter os ouvidos aos leitores curiosos dêstes repiques.

*

De comêço, duas ordens de indagações precederam a acometida arqueológica do problemático *Outeiro das Arcas*: a oral e a carto-

gráfica. A indagação oral, compreende-se, vai às informações verbais dos habitantes; mas isto, por aqui, é terreno mais ingrato do que nas regiões do país, onde as populações e as famílias são mais sedentárias e estáveis. Aí, o elo tradicionalístico procura-se e encontra-se. Entre a terra e o habitante há como que um traço de parentesco amigável e continuado.

Outeiro das Arcas... quem mo descobriria no Lumiar?

Um velho, hortelão ou fazendeiro, que ostentava as barbas mitológicas dum Silvano, mas em lugar da pele de animal ao ombro nu, vestia a típica blusa saloia de riscado azul, e que encontrei na estrada do Paço do Lumiar, nunca em tal ouvira falar! Outro habitante, septuagenário, segundo me declarou, nadô e criado nesta povoação, não conhecia por aqueles sítios outra elevação de terreno senão o *Alto da Areia*; mas *Outeiro das Arcas...* jámais ouvira dizer. Depois disto, encontrei quem me asseverasse que o verdadeiro toponímico daquela eminência era o *Alto dos Pinheiros*; e efectivamente lá se vê ainda um pequeno pinhal, que evidentemente só lhe dá o nome depois que existe como massa de arvoredos. E antes disso?

O segundo depoimento ia bater direito ao ponto que, na *Carta dos Arredores de Lisboa*, me aguçara as suspeitas... arqueológicas, em consequência da sua mesma altitude. Esse ponto é a cota de 132 metros, na freguesia do Lumiar. Não tem o terreno em redor nenhum outro mais alto relêvo ou gibosidade. A leste dêle, ainda há uma curva de nível pontuada com a indicação de 119 metros. Era porém muda a Carta, quanto a toponímicos naquele local.

O caso é que fixei assim, de antemão, a directriz da minha excursão. Dum caminho velho, que ladeia o cemitério do Lumiar, entramos, o meu amigo e companheiro, Dr. Joaquim Fontes e eu, por umas terras, que nos separavam das cotas prefixadas. Não era muito constitucional o nosso itinerário, mas ninguém surgiu a pedir-nos contas da invasão. Pouco depois, junto duma vinha, o meu amigo enxerga no solo um sílex talhado (*racloir*). Bom sinal! Mais adiante, no flanco da cota 132 metros, um pastor, encanecida já a cabeça, vigiava tranqüilamente o seu armento, enrolando um cigarro.

Entabou-se conversa. Interpretando uma nossa pergunta, responde o inesperado informador:

— Sim, já sei; *pedras de ferir?* tinha ali uma na algibeira apanhada perto. Mostrou-no-la.

Um outro utensílio de pedra lascada, se bem que já dentado pela percussão do fusil! Mas êle mesmo queria dizer-nos onde o encon-

trara e havia por lá bastantes! Se isso era o que procurávamos, fôsemos ao local, que não era longe.

Estávamos, por assim dizer, senhores duma situação arqueológica. Subindo-se mais uma rampa, o terreno é constituído por um planalto de estrutura arenosa, mas compacta, que se prolonga para sul. A leste há um pequeno pinhal, e no ponto em que nos encontrávamos o solo está esburacado do arranque de mais pinheiros. Era uma circunstância nada desfavorável à colheita dos sílices, que começavam já a picar o amarelo da areia. Na mesma eminência há um casal, que tira o seu nome do chamadoiro do seu dono, *Casal do Sabido*, mas o outeiro chamava-se, diz-me o caseiro, *Alto de Telleiras*. . . Como se vê, o íncola de *Paço do Lumiar* é o terceiro informador, a que me referi, atribuíam-lhe outras denominações, contudo esta última é a que me parece menos verosímil.

Caminhando para sul, encontrava-se um tremoçal, que era o ponto indicado com mais individuação pelo pastor como campo de *pedras de ferir*. A cultura da leguminosa pode ter desaparecido a esta hora, mas, prosseguindo, descobre-se uma ampla escavação, que parece ser produzida por contínuas explorações de areia, em que o cabeço é muito abundante. As margens desta vasta caldeira são cortadas a prumo e têm alturas variáveis desde 0 até cerca de 5 ou 6 metros.

Dissera-nos a «pura da verdade» o pegureiro! Se bem que não sejam duma profusão cerrada, o caso é que se encontram à superfície e nas camadas do areeiro sílices trabalhados e rebotalhos da sua preparação. Mais próximo do pinhal jaziam dois ou três cacos de feição prehistórica, infelizmente lisos e muito diminutos.

Numa vereda do outeiro, o Dr. Fontes colhe a peça mais decisiva. Era um dos tais utensílios de sílex, com o prolongamento em forma de bico de pássaro, colhidos na estação do Estoril pelo abaixo assinado, em 1915. ¶ E confesso que este achado me vinha proporcionar a remuneração espiritual do passeio arqueológico!

Entre as faquinhas, uma, aliás fragmentada, de secção triangular e microscópicamente dentada nos bordos, deve ter sido pertença feminina. Fizeram decerto uso dela mãos perturbadoras de suprema finura; tais são as dimensões exiguas desta lâmina, infelizmente que-

brada; comprimento, 0^m,010; largura, 0^m,006; espessura na base, 0^m,001. ¿Poder-se há contestar delicadeza e corpórea gracilidade a essa subtil selvagemzinha, cujos dedos seguraram tam minúsculo e quebradiço utensilio de sílex, que sem dúvida não era encabado?

Feito o inventário dos achados, soma tudo:

Peças de sílex caracterizadas ou seus fragmentos: 10.

Peças duvidosas, sendo uma de quartzo: 8.

Peças indefinidas: 10.

Fragmentos cerâmicos: 3.

*

A civilização preistórica, a que pertencem estes destroçados restos de indústria humana, é, em presença da sua tipologia, aquela que deixei sumariamente caracterizada, quando no *Antiquitus* versei a cronologia do descobrimento feito no Estoril. A posição elevada do sítio, relativamente ao terreno circunjacente, e o freqüente aparecimento de sílices talhados naquele local, delimitado com certa segurança e precisão pelas informações e testemunho do pastor, permitem assinalar no *Alto dos Pinheiros*, ao Lumiar, vestígios definidos duma nova mancha preistórica na Carta dos arredores de Lisboa.

*

Bem; mas a curiosidade de algum leitor pode não estar ainda saciada. Eu realizei uma excursão ao *Alto dos Pinheiros*, tópico que me era então desconhecido e não vem mencionado na Carta topográfica, procurando um antigo *Outeiro das Arcas*, que não consegui reconhecer nem localizar. Contudo, presumindo que este outeiro era, para todos os efeitos, uma proeminência de terreno, e procurando qualquer ponto nestas circunstâncias dentro da freguesia do Lumiar, fui dar com os ossos a uma colina que, casualmente, se me revelou com restos preistóricos, sem nenhum resquício de destroços de época alguma histórica. ¿Seria êsse o *Outeiro das Arcas* do séc. XVIII? O topônimo está perdido na tradição oral, como me pareceu. Pode porém vir confirmado em algum documento antigo de transacções de prédios confinantes. ¿Ler-me há alguém que possua porventura ou conheça títulos contratuais, que a êle se reportem?

Para o meu raciocínio ainda não é tudo. ¿Terá havido naquele lugar *Arcas* no sentido de antas? Não posso responder porque, parecendo a civilização aí revelada coetânea da do Estoril, também não ousei fazer afirmação alguma dessa natureza a respeito dos achados

do Estoril. A palavra *arcas* tem significações várias, mas a de monumento dolménico não é a mais vulgar, e talvez só em determinadas condições, por exemplo, quando os dólmenes sirvam ou tenham servido de marcos ou balizas territoriais, o que aliás tem até, se bem me lembro, comprovação diplomática da nossa idade média.

De maneira que, se aquele era o *Outeiro das Arcas* e se estas *arcas* eram antas ou dólmenes, haviam de aparecer nele sílices e cerâmica preistórica; ora de facto estes objectos encontram-se aí, logo... Por muito que o raciocínio pareça lógico e rigoroso, não ousarei afirmar que o *Outeiro das Arcas* era a cota de 132 metros na freguesia do Lumiar. ¡Faltaram de todo vestígios de arquitectura dolménica!

Portanto iremos bater a outra porta.

F. ALVES PEREIRA.

Castro de Entre-os-Rios

Constando-me, no mês passado, quando estive a veranejar na freguesia de Canelas, concelho de Penafiel, que na limitrofe freguesia de S. Miguel de Entre-os-Rios, no monte da Senhora da Cividade, situado nas vertentes do rio Douro, a pequena distância da foz do Tâmega, apareciam muitos fragmentos de louça de barro e de telhas, resolvi ir lá, persuadido de que se trataria dum *castro*, dalgum modo indicado pelo nome do monte *Cividade*, pela existência *in loco* duma capela sob a invocação de *Senhora da Cividade*, que representa talvez a cristianização dum culto pagão, e pelo aparecimento de grande quantidade de fragmentos cerâmicos: e efectivamente fui no dia 8 do mesmo mês.

Percorrendo o monte, encontrei muitos fragmentos de cerâmica, dos que se costumam encontrar nos castros.

Com grande aprazimento e satisfação verifiquei que não me havia enganado nas minhas previsões: houve naquele lugar um castro, que contém vestígios de duas civilizações, uma *pre-romana* e outra *romana*.

Depararam-se-me logo à superfície da terra alguns fragmentos de instrumentos de pedra (vulgarmente chamada *seixo*): martelos, amoladeiras, e bem assim uma mó manual (*catillus*) de forma pouco vulgar, alta e pesada; uma coluna de granito, escumalho de ferro, e uma cunha pequena muito oxidada; *tégulas*, algumas com uma marca de oleiro feita com impressões digitais na parte ainda fresca, que parece conter a letra M; *imbrices*, *pondera*, tejos; e bocais, gargalos, bojos, asas e fundos de vasilhas, mostrando estes diversos